



Editorial: Seção Especial

Migração das ideias urbanas no mundo lusófono

Editores convidados: Fábio Duarte e Clovis Ultramari

A ideia deste duplo dossiê surge como um dos resultados de projeto financiado pelo CNPq, que permitiu aos editores (brasileiros) uma aproximação com pesquisadores portugueses e uma decorrente série de atividades acadêmicas interinstitucionais. Este encontro de ideias e formações de pesquisadores brasileiros e portugueses com interesse investigativo nas questões urbanas provocou uma constatação instigante. Não apenas foi possível observar interesses de pesquisas comuns entre os dois grupos de pesquisadores, cada qual preocupado prioritariamente com suas realidades locais e nacionais, mas também uma série de similaridades nas referências conceituais utilizadas, na forma de historiar o passado, na inserção de suas contemporaneidades meio a um longo processo de transformações urbanas e mesmo na visão profissional de professores de programas de pós-graduação preocupados com o aprendizado de questões referentes à cidade. De imediato, fomos despertados pelo interesse em entender como tais similaridades se constituíram: ora a explicação parecia estar na nossa inserção em um mundo global; ora, talvez de modo presunçoso, na nossa inserção em um conjunto de nações que fala a mesma língua e compartilha uma história social e política. Ainda que a resposta mais acertada a essa dúvida esteja em algum lugar intermediário, pretensamente, arriscamos confirmar a existência de uma “viagem” de ideias urbanas entre países de língua portuguesa a ocorrer mais intensamente ou de forma mais específica que entre uma ampliada sociedade de nações.

De imediato, utilizamos a expressão *exportação de ideias* para revelar aquilo que começávamos a identificar. De imediato, também, concluímos que essa não seria uma forma adequada de explicar a adoção, adaptada, por opção, de ideias e práticas de gestão urbana em territórios estrangeiros. Não apenas impomos ideias, como também as vendemos, as adotamos com legitimidade social, as compramos, as assimilamos inconscientemente. Se as opções são, pois, múltiplas, o termo mais apropriado para demonstrar o que observávamos seria então o da *migração das ideias*, conforme sugerido na chamada do dossiê.

De imediato, chamou a atenção o expressivo número de pesquisadores do urbano que se interessam pelo cenário maior de seus países, alargando-o para o do mundo de língua portuguesa. Considerando a qualidade acadêmica dos artigos recebidos, não foi possível agregá-los em um único número da revista **urbe**; por isso, a discussão da temática como inicialmente proposta por esses editores *ad hoc* foi, obrigatoriamente, dividida em duas partes. Aqui temos a primeira parte; a segunda constituirá o número seguinte da revista.

A questão que provoca a elaboração deste duplo dossiê é o do interesse em se discutir como ideias singulares, seja por seus inícios autorais, seja por suas temporalidades específicas, constituem conjuntos difusores de princípios, conceitos, diretrizes e mesmo desejos. Na realização da concretude dessa transformação, ou melhor dito, da agregação de esforços intelectuais singulares, estão, dentre outros fatores, a comunicação e a migração de seus autores fractais. Reconhece-se também que essa comunicação e essa migração podem ser potencializadas por características do momento de suas formulações: situações políticas, interesses geopolíticos, crises e avanços econômicos, características geográficas, imposições religiosas, disponibilidade

de tecnologias, dentre outros muitos fatores que possam reduzir ou incrementar aspectos qualitativos, positivos ou negativos de uma produção individual. Dessa interminável lista de fatores que possam garantir, potencializar ou reduzir o impacto e a circulação de uma ideia, muitos autores destacam ainda os fenômenos catastróficos ou de penúria, os quais nos fazem refletir sobre nós mesmos e sobre a realidade de nossos pares mais distantes. Outros tantos autores preocupam-se mais com o lócus do surgimento e possível assimilação das ideias que propriamente com seus autores e mesmo com as facetas do objeto pensado. Fala-se aqui de ambientes propícios não apenas à criatividade, mas também positivamente sensíveis àquilo que lhe é estranho a princípio.

A despeito da diversidade de fatores que explicariam a migração e a adoção de ideias, ou mesmo da priorização de alguns fatores explicativos, vale ainda a aceitação, conforme identificada por Ortega y Gasset¹ (1984), de que somos – e nossas ideias também o são – nós mesmos e nossas coincidências. Tal observação reitera assim a diversidade de fatores que podem influenciar a constituição de um fato, mas, mais claramente, indica um quase desencanto com as tentativas de apreendê-los sintética e certamente.

Healey e Upton² (2010), apesar de centrarem seus interesses investigativos nos países anglo-saxões, também nos servem de referência para este dossiê ao alertarem para a importância de se conhecer os “circuitos do conhecimento” e as distintas formas que as ideias “viajam”. Para esses autores, duas dessas formas podem ser identificadas de imediato. No primeiro caso, as ideias viajam e são acriticamente replicadas em outros espaços, constituindo um certo difusionismo acrítico, tal qual ocorrem com ex-colônias ou a atual difusão de hegemonias a partir de centros de poder político, econômico e cultural. No segundo caso, as ideias viajam e se fundem com elementos e modelos existentes nas áreas de destino, criando-se, pois, uma adaptação, tradução em conhecimentos e práticas específicas, ou mesmo um hibridismo de situações.

Se se reconhece aqui que o momento, o contexto da criação e o da recepção das ideias constituem elementos fundamentais para a sua difusão, aceite, recusa ou consolidação, ressalta-se também que ideias não são elementos capazes de iniciativas autônomas, independente de seus criadores e de seus promotores. De fato, no intuito de entenderem os elementos causais de um determinado processo, inúmeros são os autores que se dedicam muito mais à mobilidade concreta de cientistas como fato propulsor de intercâmbios intelectuais e científicos que propriamente à migração de suas criações.

Todavia, Howlett e Morgan³ (2001), com algumas referências específicas sobre planejamento urbano e arquitetura de interesse para a pesquisa proposta, qualificam essa mobilidade concreta das ideias como apenas uma das formas possíveis de externar conhecimentos e práticas. Para esses autores, a viagem das ideias ocorre por meio de culturas, tempo e espaço. Do mesmo modo que Healey e Upton (2010), esses dois autores também se preocupam com a forma mais ou menos receptiva, mais ou menos impositiva com que a migração das ideias ocorrem. Assim, partes ou totalidades de modelos, metáforas, conhecimento e imagens migram: 1) mantendo a chamada integridade original (*travelling with integrity*) e 2) mantendo suas características iniciais em termos de utilidade e funcionalidade porém com novas funções (*travelling fruitfully*) (HOWLETT; MORGAN, 2001). Essas questões são, aliás, um dos temas fundamentais propostos para o presente dossiê da revista **urbe**: entender quando, como e por que as ideias migram no recorte de um mundo lusófono.

Tal discussão se aproxima de uma outra que se interessa pela identificação de razões que contribuem para o progresso, ainda que, mais contemporaneamente, compreendido por suas diversas facetas, sociais e econômicas. Outro exemplo de similaridade investigativa é a tentativa de se compreender as chamadas Inflexões Urbanas (ULTRAMARI; DUARTE, 2009)⁴, que explicariam momentos de “apogeu urbano” vivenciado por algumas cidades em tempos precisos. Entender por que certas cidades, em parcelas de seu tempo percorrido, apresentam fenômenos que as transformam em referência para uma desejada réplica alhures,

¹ ORTEGA y GASSET, J. *Historical reason*. London: Norton & Co, 1984.

² HEALEY, P.; UPTON, R. (Ed.). *Crossing borders: international exchange and planning practices*. London; New York: Routledge, 2010.

³ HOWLETT, P.; MORGAN, M. S. (Ed.). *How well do facts travel?: the dissemination of reliable knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

⁴ ULTRAMARI, C.; DUARTE, F. *Inflexões urbanas*. Curitiba: Champagnat, 2009.

compõe um esforço investigativo sobre o fato de, em certo momento, ocorrerem transformações de difícil precisão quanto às razões que lhes permitiram ocorrer.

Dessa maneira, reconhece-se que ideias difundem-se e consolidam-se não apenas por seus valores intrínsecos, mas igualmente por aspectos circunstanciais.

Essa é de fato uma conclusão possível ao se ler os textos selecionados para estas duas seções temáticas, nas quais, a despeito de diferentes objetos, abordagens conceituais e metodológicas, todos reiteram a pergunta inicialmente feita por esses editores: como explicar muitas das similaridades entre realidades urbanas aparentemente distantes como as de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa?

Boa leitura!

Clovis Ultramari e Fábio Duarte
Editores